

Professores-narradores: linhas que se atravessam histórias que se cruzam

Bruno Cabral



4

“O poeta é um fingidor”, diz o eu lírico de Fernando Pessoa em *Autopsicografia*. “Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente.” O professor também é um pouco poeta. No momento em que cruzamos a porta da sala de aula, começamos a fingir. Fingimos que somos adultos, embora ainda nos confundam com os alunos (*Você tem 24 anos? Tem cara de 17*). Fingimos que sabemos de tudo, embora duvidemos dos nossos próprios conhecimentos muito mais do que gostaríamos (*Você pode dar uma aula de revisão amanhã?*).

E, principalmente, fingimos estar à vontade para interpretar um papel para o qual acabamos de receber o script, seguindo um roteiro que pode mudar completamente, de um segundo para o outro, em função do nosso público, pois este não assiste ao filme gravado, editado, com trilha sonora e efeitos especiais, mas sim à gravação, ao vivo, sem cortes nem edição. Será que conseguimos fingir bem?

Na verdade, o professor é um pouco de tudo: poeta, ator, bailarino, músico, maestro, e por aí vai. E nós, no terceiro estágio supervisionado de língua portuguesa, fomos um pouco disso tudo. Fomos: primeira pessoa do plural. Nós. Porque, na sala de aula da universidade (mar tranquilo em dia ameno), cada um de nós teve a oportunidade de compartilhar com os demais suas experiências vívidas e vividas na sala de aula da escola (mar furioso em dia de tempestade). E descobrimos juntos que o professor é, também, um pouco narrador.

A cada semana, um grupo de alunos-professores ou professores-alunos tecia seus relatos em pequenos retalhos que costuramos coletivamente. Algumas dessas histórias foram pontuadas com risos, outras com olhares aflitos, e outras, ainda, com lágrimas. E então as rodas de conversa se tornavam sessões de terapia em grupo, muito necessárias: quem é o professor que, sendo um pouco de tudo, não precisa, de vez em quando, de um pouco de terapia? É cansativo passar muito tempo na frente do palco — ou pilotando o barco — da sala de aula. Por isso, é bom se deitar, nem que seja apenas por uns momentos, no divã.

Nesse cenário, a professora-orientadora foi também um pouco terapeuta, e soube acompanhar nosso fluxo de consciência, desenovelando nossas linhas quando estas se embaraçavam na dança descompassada do pensamento, pois, na ponta de cada agulha, havia a vontade de falar e o desejo de ser ouvido. Mas o ingrediente principal desses encontros foi o acolhimento. Cada relato, do mais leve ao mais pesado, foi recebido pelos colegas com ouvidos atentos e de coração aberto, pois abria uma fresta pela qual podíamos entrar naquela escola que não era a nossa, naquela sala de aula que nunca havíamos visto, e, ainda assim, nos imaginar nos sapatos daquele professor-aluno.

Os sapatos, aliás, foram saltos altos para alguns (isto é, algumas, pois concluímos o substantivo professor flexionado no feminino envolve um universo à parte de desafios) e, para outros, um *All Star* vermelho desgastado, porém firme. Pisando em poças, pisando em ovos, às vezes se segurando para não desabar, para não afundar, e permanecendo de pé, apesar de tudo.

Na dança das agulhas das sessões de terapia em sala de aula sobre a sala de aula,

nos tornamos um pouco mais narradores e, portanto, um pouco mais professores do que éramos no início dessa experiência. As histórias que contamos uns para os outros nos permitiram construir um pequeno inventário de vivências que, sem dúvida, nos acompanhará ao entrarmos nesse universo igualmente assustador e maravilhoso, no qual já fomos e ainda seremos um pouco de tudo — pois *somos professores*.